



**UNIVERSIDADE FEDERAL
DE SANTA CATARINA**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO - CED
CURSO DE PEDAGOGIA**

MAIARA DUARTE

**UM CONTAR SOBRE VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO NO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UFSC**

FLORIANÓPOLIS

2015

MAIARA DUARTE

**UM CONTAR SOBRE VIVÊNCIAS DE ESTÁGIO NO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UFSC**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pedagogia, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Pedagogia.

Profa. Orientadora: Rosilene Beatriz Machado.

**FLORIANÓPOLIS
2015**

AGRADECIMENTOS

A Deus, pois ele me guiou em toda trajetória ao longo do curso de Pedagogia.

Pai e mãe, muito obrigada pela educação e vida. Pai, obrigada por sempre estar ao meu lado nesses cinco anos. Mãe, que abria mão de tudo para me ajudar, estou aqui hoje por causa de você, que naquele dezembro de 2009 me mostrou que nunca posso desistir dos meus sonhos, que não é qualquer tempestade que vai me derrubar. Essa conquista é sua!

Aos meus avós... Vó Osmarina você é sinônimo de alegria, esse sorriso que tenho no meu rosto herdei da senhora, sei o quanto a senhora tinha orgulho de mim. Vô Aloisio obrigada pela família e ensinamentos.

A minha família, minha irmã e irmão, brigamos, mas são vocês que estão ao meu lado.

À minha irmã ao meu cunhado por me ajudarem quando necessitei.

À família Horstmann Felisbino por topo apoio, força e ajuda durante o curso.

Aos Duarte's que torcem pela minha conquista.

Aos Horstmann's que sempre me apoiaram, vibraram e sempre estiveram comigo desde o dia da prova do vestibular até o dia em que eu recebi a notícia que havia passado na UFSC. Isso não seria possível sem vocês, vocês são os melhores, tenho orgulho de fazer parte dessa família.

Aos meus meninos, João Vitor e Messias, obrigada por me alegrarem nos momentos mais difíceis da minha vida, vocês são meus amores.

Especialmente às minhas eternas 3B, Isadora Ramos e Jaqueline Cristina Cardoso, amigas e companheiras, por toda essa troca de experiências e conhecimentos, por me escutar e ajudar, por todos os momentos de angustias, tristezas e alegrias.

Agradeço também a todos os meus professores, desde a Educação Infantil até a graduação, muito obrigada por todos os ensinamentos recebidos.

A todas as pessoas que estiveram ao meu lado no decorrer da minha vida acadêmica, minhas colegas de curso e colegas de trabalho, com as quais conquistei uma linda amizade, e as passageiras que em algum momento da minha vida fizeram sentido.

As crianças que passaram ao longo da minha vida, com as quais aprendi muito.

À professora Rosilene Beatriz Machado, muito obrigada, só tenho que lhe agradecer e não tenho nem palavras para descrever o quanto sou grata a você, muitíssimo obrigada.

Aos professores Débora R. Wagner e Jerferson S. Dantas por participarem da banca.

À professora Patrícia Laura Torriglia pelo voto de confiança.

Por fim, quero agradecer à minha mente e corpo, por ter aguentado esses cinco anos.

TERMO DE APROVAÇÃO

MAIARA DUARTE

**UM CONTAR SOBRE VIVÊNCIAS DE ESTÁGIOS NO CURSO DE
PEDAGOGIA DA UFSC**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Graduação em Pedagogia, e aprovado em sua forma final.

Florianópolis, 22 de julho de 2014.

Prof^o. Dr^o. Jeferson Silveira Dantas
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Prof^a Ma. Rosilene Beatriz Machado
Orientadora
UFSC

Prof^o. Dr^o. Jeferson Silveira Dantas
Membro UFSC

Prof^a.Ma. Débora Regina Wagner
Membro UFSC

Prof^a. Dra. Patrícia Laura Torriglia

RESUMO

Neste trabalho de conclusão de curso apresento um contar sobre as vivências de meus estágios obrigatórios no curso de Pedagogia na Universidade Federal de Santa Catarina. Tal vivência foi importante, uma vez que não tinha experiência na área da educação. Com os estágios a minha formação como professora se concretizou, pondo em prática tudo que aprendi nos quatro anos e meio de graduação no curso de Pedagogia. Sendo assim, pude compreender a significância de observar, registrar, planejar e replanejar. Como também verificar o quanto a ludicidade e o espaço escolar são elementos importantes para o desenvolvimento das crianças, desde a Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

Palavras-chave: estágio, crianças, pedagogia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	14
1.1. A escola	11
1.2. Análises iniciais.....	15
1.3. Cotidianos do Grupo III.....	18
1.4. Planejando a docência compartilhada para e com o grupo III.....	19
1.5. Chegou a hora de colocar em prática o planejamento.....	20
2. ANOS INICIAIS	25
2.1. A escola	23
2.2. O reconhecimento.....	26
2.3. O período de observação	27
2.4. O espaço de sala de aula	29
2.5. Docências compartilhadas.....	31
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.	36

INTRODUÇÃO

Ao chegar à sétima fase do curso de Pedagogia da UFSC, sabia que minha vida acadêmica e de minhas colegas tomaria outro percurso... Percurso este que exigiria maior responsabilidade para enfrentar dois estágios e um TCC, o que provocou muitos medos e angústias, mas que com ajuda das minhas colegas foram superados.

Os estágios obrigatórios do referido curso são propostos, especificamente, na sétima e oitava fases, nas disciplinas *Educação e Infância VII – Estágio Supervisionado em Educação Infantil - MEN 7107* e *Educação e Infância VIII: Exercício da docência nos anos iniciais do ensino fundamental - MEN 7108*, respectivamente.

Na sétima fase, o estágio curricular obrigatório na Educação Infantil, conforme plano de ensino da disciplina, visa à atuação na docência em creches e pré-escolas da rede pública municipal baseado na definição de plano de ação pedagógica e análise de contextos educativos. Assim sendo, a partir dessa fase, as duas turmas (em geral cada fase do curso tem duas turmas discentes) são unificadas, e divididas em subgrupos, de acordo com a quantidade de instituições de ensino disponibilizadas pela prefeitura municipal de Florianópolis (SC) para a realização do estágio obrigatório.

Em minha vivência, nosso grupo foi dividido em três subgrupos, tendo cada qual uma professora de estágio supervisora e orientadora. Tal supervisão e orientação iniciou-se de forma que, antes de adentrarmos o campo de estágio, foram indicadas leituras para discussão e reflexão entre o grupo, também com orientações a respeito da escrita do Memorial de Atividades de estágio. Além disso, na primeira semana do semestre 2013.2 (em que cursei a disciplina) foram-nos apresentadas as instituições de ensino, além de falas de colegas que já haviam passado pelo estágio, contando-nos suas experiências, dificuldades e desafios.

As instituições disponibilizadas pela prefeitura de Florianópolis foram a *creche Anjo da Guarda*, localizada na Rua João da Cruz Meira nº 350, Trindade (Morro da Penitenciária), sob a orientação da professora Deise Arenhart (UFSC); a *creche Orlandina Cordeiro*, localizada na Rua Virgílio Várzea nº 380, Saco Grande II (Monte Verde), sob a orientação da professora Juliana S. Lessa (UFSC); e o *Núcleo de Educação Infantil Orisvaldina Silva*, localizado na Servidão Ruth Bastos de Oliveira nº 75, Lagoa da Conceição, sob a orientação da professora Katia A. Agostinho (UFSC).

O estágio é realizado em duplas, sendo que minha dupla foi a colega Sarah Zisélia de Azevedo. Escolhemos como campo de estágio a creche Anjo da Guarda pela facilidade de ser mais próximo de nosso trabalho. Além de nós, outras três duplas estagiaram nesta instituição, constituindo o menor subgrupo de estágio, com um total de oito estagiárias.

Definido isto, a professora Deise Arenhart permaneceu com o grupo por aproximadamente 70 dias, mas, por conta de questões burocráticas, a professora Simone Cintra¹ assumiu o grupo junto à professora Deise. Foi uma parceria boa, pois as duas construíram uma grande amizade. Já a escolha da turma aconteceu por sorteio, uma vez que duas duplas tinham interesse em ficar com o berçário, e então ficamos responsáveis pelo Grupo VI (5 a 6 anos). A princípio isto me deixou um pouco decepcionada pois queria um grupo de menor idade, mas minha dupla de estágio acabou me tranquilizando.

A Creche Anjo da Guarda está localizada na Rua João da Cruz Meira, nº 350, no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis – Santa Catarina. Atende crianças do território do Morro da Penitenciária, a qual é composta de famílias, na sua grande maioria, oriundas do planalto Serrano e Oeste Catarinense. Uma vez que, estas vêm para a localidade com o intuito de ficarem próximos de seus parentes, estes presos e cumprindo pena no presídio masculino de Florianópolis.

Seu surgimento se deu a partir da necessidade dos moradores de haver um espaço de guarda e educação das crianças pequenas. Sua construção foi mobilizada em 1983 por um candidato a vereador da comunidade do Morro da Penitenciária, o qual também era presidente da associação dos moradores. Para dar início à construção da creche foi oferecido um terreno por um morador da comunidade, que, em troca, ganhou a construção de uma casa, a qual está situada ao lado direito da creche.

Nesta época, como não havia ainda uma concepção pedagógica e política respaldada na criança como sujeito de direitos, a construção arquitetônica da creche e o espaço externo são expressamente dissonantes com os critérios de um atendimento em creche que respeite os direitos fundamentais das crianças (BRASIL, 2009). A

¹ Professora substituta, à época, na área de Educação Infantil do Centro de Ciências da Educação/Departamento de Metodologia do Ensino da Universidade Federal de Santa Catarina (CED/MEN/UFSC). Graduada em Pedagogia/Habilitação em Educação Infantil, pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Possui mestrado e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e duas especializações na área de Arte e Educação (ECA/USP e FE/UNICAMP). Acesso em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4798332Z4> , 25/07/2015.

construção da creche se estendeu por, aproximadamente, um ano, havendo participação de engenheiros e técnicos do governo estadual e dos próprios moradores da comunidade.²

Ao chegar à instituição fiquei um pouco assustada, imaginando: como este prédio pode ser uma creche? Isto porque, o edifício é construído em um morro, sem muito espaço para as crianças brincarem, pátio para correr, e as salas ficam em um único piso. O prédio tem três andares, sendo que a cobertura é onde as crianças brincam, havendo uma casinha, escorregador e um trenzinho. Lá de cima a vista é muito bonita, sendo possível avistar a universidade aos fundos, a Avenida Beira mar, a penitenciária e toda vista ao redor do maciço do Morro da Cruz. Nesse dia ainda, acabamos acordando uma troca de grupos, e passamos a trabalhar com o grupo III (2 a 3 anos).

Durante o período de observação, os projetos de estágios/planos de ação são elaborados de forma partilhada com a instituição campo de estágio, mantendo-se dessa forma uma relação articulada entre a universidade e a rede pública. Só depois disso é que as estagiárias de fato iniciam sua docência.

Uma vez concluído com êxito o estágio na Educação Infantil, chegou a vez do estágio nos anos iniciais. A disciplina na oitava fase, de acordo com plano de ensino, visa à compreensão da continuidade do exercício da reflexão acerca da natureza do conhecimento escolar mediante a análise da condição histórico-cultural da criança e da infância; do exercício de aproximação com a escola, exercício de observação, levantamento de informações e dados referentes às atividades de ensino e aprendizagem; discussão e análise do material coletado e atualizado, identificando e definindo problemas; elaboração de um projeto de ensino; exercício da prática docente nos anos iniciais da escola do Ensino Fundamental, focalizando o processo de socialização da criança na condição de estudante e os princípios teórico-metodológicos das atividades de ensino e de aprendizagem; planejamento, realização e avaliação das atividades de ensino; elaboração e produção de materiais acerca do processo realizado com o objetivo de refletir sobre a experiência e divulgar a análise realizada.

A condução metodológica desta disciplina foi muito parecida com a anterior. Os grupos também ficaram divididos praticamente conforme o estágio Supervisionado na Educação Infantil. A principal diferença foi que anteriormente, ao final do estágio,

² Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico da Creche Anjo da Guarda, ano 2013.

escrevemos um memorial, já no exercício da docência nos anos iniciais do ensino fundamental escrevemos um relatório sobre nossa vivência/experiência em campo.

Desta vez, as instituições de ensino disponibilizadas, todas no município de Florianópolis (SC), foram: *E.E.B. Jurema Cavallazzi*, localizada na Rua Professor Anibal Nunes Pires, José Mendes, sob a orientação da professora Adriana Silva (UFSC); *E.E.B. Padre Anchieta*, localizada na Rua Rui Barbosa nº 327, Agrônômica, sob a orientação da professora Maria Isabel Serrão (UFSC) e a *E.D. Costa da Lagoa*, localizada na Estrada geral Costa da Lagoa nº 5500, Costa da Lagoa, sob a orientação da professora Gilka Giradello (UFSC).

Assim como no estágio realizado na sétima fase, eu e minha dupla, agora a colega Lilian Patrícia Aurélio Donel, escolhemos nosso campo de estágio pela facilidade e proximidade de trajeto, ficando na Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi. Novamente através de sorteio, ficamos responsáveis pelo quinto ano. Feito isto, antes de adentrarmos na escola, nossa orientadora proporcionou algumas semanas de preparação, indicando diversas leituras e discussão em grupo, e que nos serviu como referência para a escrita do relatório.

A Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi, encontra-se no entorno do Maciço do Morro da Cruz, na Rua Anibal Nunes Pires no bairro José Mendes. Este bairro é o menor em perímetro urbano de Florianópolis e localiza-se no centro oeste da ilha de Santa Catarina. Conta com uma equipe de profissionais, sendo eles: Diretora, Diretora Adjunta, Assistentes Técnicos Pedagógicos, Administrador Escolar, Supervisora Educacional, Secretária, Professores (as) efetivos, Professores (as) contratadas em caráter temporário. Atende alunos do Ensino Fundamental I, do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio nos períodos diurno e noturno, residentes nas imediações da escola – Maciço Central do Morro da Cruz (Morro do Mocotó, José Mendes e Morro da Queimada) e bairros mais afastados.

Inaugurada às dez horas do dia oito de março de 1975, teve como objetivo atender aos moradores do bairro José Mendes a comunidade. A Escola foi criada pelo Decreto n.º 119/SE de 14 de fevereiro de 1974. A escola possui uma área de 628 metros quadrados, quando inaugurada possuía dez salas, com capacidade de receber até quarenta e seis alunos.

Iniciamos o nosso período de estágio, no campo, como uma prática recorrente da instituição, em que todo início de ano, quando entram novos docentes na escola, a direção e comunidade organizam uma volta ao morro para os professores conhecerem a

comunidade, realidade e trajeto que as crianças fazem até chegar à escola. Acabamos participando de uma caminhada juntamente com os estagiários do curso de Educação Física da UFSC.

Assim sendo, em uma manhã de sábado saímos da escola por volta de 9h. Não começamos pelo trajeto principal, mas por uma escadaria enorme, indo aos principais pontos da comunidade, guiados pelo professor de geografia, cumprimentados por todas as pessoas na rua e casas. Ao chegarmos ao topo do morro tivemos uma vista maravilhosa da cidade de Florianópolis, e o professor nos mostrou e falou sobre as características do maciço Morro da Cruz, mostrou a divisa do morro da Queimada e Mocotó, e então soubemos que muitas crianças saíam daquele ponto para ir até a escola caminhando. Então voltamos para a escola pela entrada principal, um morro com muitas curvas, chegando por volta de 12h.

Na semana seguinte à visita à comunidade é que conhecemos propriamente a escola. Ao entrar, percebemos muitas grades³ em sua volta e o que andar térreo quase não era arejado. Eu fiquei muito nervosa ao conhecer minha turma de estágio, tanto que colegas propuseram-se a trocar de turma, mas não aceitei. Por mais que as crianças me desafiassem, eu me encorajei e decidi seguir com esta turma. Com o tempo as crianças não estavam mais tão agitadas e faziam atividades, algumas conversavam conosco, ainda que outras não nos encarassem.

Apesar disso, por interesse nosso e de nossas colegas, e com aprovação das professoras, acabamos realizando os períodos de observação e docência compartilhados entre o quinto e segundo ano. Assim, alguns dias observamos uma turma, em outros dias observamos outra turma, e assim foi até concluirmos as observações. Na docência compartilhada, ficamos oito dias com o quinto ano e sete com o segundo ano, de maneira que os planejamentos foram feitos em conjunto. O que implicou em quatro pessoas planejando e discutindo ideias, processo produtivo mas muitas vezes conflitante pela diversidade de opiniões.

³ Ressalte-se que durante a década de 1970, período da construção da escola Jurema Cavallazi, o Brasil vivia sob regime militar, em que o governo precisava ter o controle de tudo que acontecia no país. Deste modo, podemos verificar que a maioria das escolas do Brasil construídas nessa época, tem um sistema arquitetônico em forma de panóptico (bem como de asilos, fábricas, etc.), cujo objetivo é uma vigilância permanente (FOUCAULT, 1987).

A seguir, apresento em detalhes o processo de planejamento e docência por mim vivenciado, bem como maiores informações a respeito das instituições e grupos em que foram realizados.

1. A VIVÊNCIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

1.1. A Escola

A Creche Anjo da Guarda está localizada na Rua João da Cruz Meira, nº 350, no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis – Santa Catarina. Atende crianças da comunidade do Morro da Penitenciária, a qual é composta de famílias, na sua grande maioria, oriundas do interior de Santa Catarina e, em menor número, da região nordeste. Está localizada na Rua João da Cruz Meira, nº 350, no bairro Trindade, na cidade de Florianópolis – Santa Catarina. A construção da creche se estendeu por, aproximadamente, um ano, havendo participação de engenheiros e técnicos do governo estadual e dos próprios moradores da comunidade.

Fora realizada uma pesquisa na comunidade com as setenta famílias moradoras na época, com o intuito de identificar o número de crianças moradoras entre zero a seis anos de idade. Após esse levantamento, teve-se o indicativo de sessenta crianças. Depois da conclusão da obra da creche foi iniciada a seleção dos funcionários para estarem atuando, sendo os mesmos contratados pela Fundação Educacional de Santa Catarina (FESC). O início do atendimento se deu em 08 de abril de 1985.⁴

Como a creche iniciou sem ter uma identificação, foi feita uma consulta às crianças para que elas dessem possíveis sugestões de nome para a creche. Assim, por votação, foi acatada a sugestão de uma criança – Joclaito de Moraes, na época com cinco anos: “Anjinho da guarda. Porque ele protege e guarda as crianças.” Por isso, o nome da creche, desde então, ficou definido como Centro de Educação Infantil Anjo da Guarda⁵.

A inauguração oficial da instituição foi no dia 26 de Abril de 1985 com a presença do governo estadual e da comunidade. Sua estrutura física está construída por três andares: no térreo temos uma sala dos professores, um refeitório, uma lavanderia, uma brinquedoteca/biblioteca, uma cozinha, um banheiro adulto e uma sala de direção. No primeiro andar estão situadas as salas dos grupos 6 e 3/4, uma ao lado da outra, não havendo corredor. No segundo andar temos mais três salas referência: dos grupos 3, 4/5 e do berçário e um banheiro infantil localizado em um pequeno corredor. Já no terceiro

⁴ Informações retiradas do Projeto Político Pedagógico da Creche Anjo da Guarda, ano 2013.

⁵ Hoje a creche está sob responsabilidade da Prefeitura Municipal de Florianópolis, por isso a modificação do nome para Creche Anjo da Guarda.

andar situam-se as salas dos grupos 2 e 4, uma ao lado da outra, não havendo corredor. E, por fim, subindo as escadas, temos o terraço (laje) do prédio, onde podemos encontrar o parque da creche.

A instituição não conta com nenhum espaço externo. Assim, podemos perceber que o espaço da creche não está em consonância com o que os parâmetros básicos de infraestrutura para instituições de educação infantil (BRASIL, 2006) indicam. No entanto, há um movimento na creche de buscar superar as limitações provindas da falta de direito das crianças a espaços amplos e ao contato com a natureza.

O espaço mais amplo da instituição é o parque localizado no terraço (laje), o qual imprime inúmeros desafios para o coletivo de profissionais que, constantemente, reflete sobre seu uso. Vejamos como isso está expresso no Projeto Político Pedagógico (PPP) da unidade: Devido ao espaço restrito que possui em relação ao parque, precisa repensar a organização e a intencionalidade deste espaço “livre”.

No entanto, sabe-se que a organização deve ser convidativa, pois o ambiente livre estimula a busca da curiosidade, da brincadeira, proporcionando trocas de experiências entre criança-criança, criança-adulto e criança-meio ambiente (PPP CRECHE ANJO DA GUARDA, 2013, s/p).

Assim, devido ao fato do parque da laje ser o único espaço coletivo destinado ao brincar, a creche organizou horários para que todos os grupos pudessem desfrutar desse espaço. Estes horários seguem os seguintes princípios:

- 1) todo grupo terá horário garantido todos os dias nos dois períodos, matutino e vespertino. Estes períodos serão semanalmente;
- 2) em segundas, quartas e sextas haverá horários individuais por grupo e terças e quintas ocorre a interação entre grupos, de preferência mesclando grupos maiores com menores

O parque conta com os seguintes brinquedos fixos: uma casinha de madeira, um trem de madeira e dois escorregadores de plástico.

Com relação à matrícula das crianças na creche, essa é realizada segundo critérios estabelecidos por portaria estabelecida pela Secretaria Municipal de Educação (portaria nº 260/2012), em conformidade com a Lei Federal nº 9394/1996, Lei Municipal nº 7508/2007 e Legislação Complementar. A Secretaria Municipal de Educação é responsável pela divulgação na mídia do processo de matrícula, ficando o diretor de cada Unidade de Educação infantil responsável pela divulgação na comunidade escolar. A criança que frequenta regularmente a Unidade de Educação

Infantil até o final de cada ano letivo, será automaticamente rematriculada para o próximo ano.

Essa mesma portaria municipal estabelece que as creches deverão atender prioritariamente as crianças de quatro e cinco anos e onze meses e, sempre que possível, devem buscar atender todas as faixas etárias entre 4 meses e 5 anos e 11 meses, respeitando o limite máximo de criança por faixa etária. O limite de criança por turma segundo faixa etária é a seguinte: G1, G2 e G3: 15 crianças; G4: 20 crianças; G5 e G6: 25 crianças por turma. Funcionando das 7h 30min às 18h 30min, a creche Anjo da Guarda conta, atualmente, com um quadro de funcionários composto por 20 pessoas, sendo uma diretora, uma supervisora escolar, 14 professores auxiliares de sala, dois professores de educação física e duas professoras auxiliares de ensino.

Alguns momentos estruturam a rotina na creche, são eles: hora da acolhida e despedida (7h 30min às 8h 30min e 17h 30min às 18h 30min, respectivamente), lanche, parque, educação física, almoço, sono, janta. A unidade trabalha com base em uma concepção de criança como sujeito de direitos, (...) “cidadã que pensa, tem desejos, se expressa criticamente, cria e recria sua cultura, pertence a uma categoria com suas especificidades que precisam ser respeitadas” (PPP, 2013, p.16-17).

Assim, partindo dessa concepção de criança, seu projeto político pedagógico está afinado com as orientações das Diretrizes Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009) e, especialmente, com as orientações curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis (2012). Segundo estas orientações, é papel da Educação Infantil promover a educação e cuidado das crianças de forma indissociável e complementar à família, tendo a brincadeira como eixo estruturante do trabalho educativo e os núcleos da ação pedagógica (NAPS) – as relações sociais e culturais, as linguagens e as relações com a natureza – como os conteúdos que orientam a ação pedagógica. (BRASIL, 2009; PMF, 2012).

O PPP da creche ainda destaca a importância das ferramentas pedagógicas da observação, registro, planejamento e avaliação na constituição da ação cotidiana do professor. Sobre a observação, destaca-se que esta deve buscar contemplar tanto as brincadeiras das crianças em grupo ou individualmente como também em outros momentos em que elas se relacionam com atividades dirigidas. A justificativa da observação está explícita no PPP da seguinte forma: Nosso olhar deve ficar atento em conseguir identificar o que as crianças buscam saber sobre o mundo a sua volta, quais as suas preocupações, que perguntas estão fazendo num certo momento e para onde está

direcionada a sua curiosidade. (PPP CRECHE ANJO DA GUARDA, 2013, s/p.) Acompanhando a observação, o PPP destaca a importância do registro diário, o qual poderá ser escrito, fotográfico ou filmico, para relatar as situações de vivências das crianças e indicar caminhos para o planejamento.

Já o planejamento segue um cronograma de hora/atividade que é organizado no início do ano com os profissionais da instituição. Este momento ocorre para as professoras socializarem seus fazeres pedagógicos e refletirem sobre os mesmos. Ao ler o PPP da instituição temos a compreensão que existe três tipos de avaliação na unidade: a avaliação feita pelos professores das crianças, a auto-avaliação dos professores e a avaliação feita pelos profissionais da instituição. “[...] A avaliação atua como um processo de aprendizagem permanente, que pressupõe a criação de uma cultura de diálogo, reflexão, comunicação, interlocução entre professores, crianças e pais.” (PPP da Creche Anjo da Guarda, 2013, s/p). Para dar conta de operar com esse conceito de avaliação numa perspectiva processual, a creche opta pela avaliação das crianças em forma de portfólio.

Um momento privilegiado para estudo, planejamento, discussão das ações pedagógicas e administrativas da unidade se refere à reunião pedagógica. Estas reuniões são mensais, garantidas e indicadas no calendário escolar e contam com a participação de todo coletivo de profissionais da creche. A relação com as famílias é construída desde o contato diário e informal em momentos de deixar ou buscar a criança na creche, até momentos especificamente pensados e planejados para conversar sobre o processo da criança na creche e/ou na família e estreitar essa relação de parceria.

Assim, o PPP da creche prevê alguns eventos com a família, tais como: reunião geral de pais, reunião dos pais com as turmas, aniversários das crianças, oficinas, festa da família, mostra pedagógica, entre outros eventos que possam surgir. Esses momentos são considerados de muita importância para a instituição tendo um cuidado na organização, publicação, avisos e na busca de garantir a participação das famílias.

1.2. Análises iniciais

O estágio em Educação Infantil tem o objetivo de contribuir na nossa formação, dando-nos a oportunidade de atuação docente em creches do município de Florianópolis com responsabilidade, respeito e significando todos os momentos ali vivenciados. A

expectativa é que durante o semestre tenhamos a oportunidade de que as vivências e experiências adquiridas no âmbito da Educação Infantil contribuam para articular teoria e prática.

Nesse sentido, ao introduzirmo-nos no interior de uma instituição de Educação Infantil tivemos que direcionar e focalizar nosso olhar na permanente e constante relação educativa com crianças de zero a seis anos de idade, observando seu cotidiano e suas ações para centrar nossa intervenção pedagógica nas crianças concretas que se apresentavam a nós. Pois, “é necessária a construção de um olhar diferenciado sobre as crianças pequenas, centrado nas múltiplas formas de expressão que elas utilizam para se comunicar e ser no mundo” (ROCHA & OSTETTO, 2008, p. 104).

A fim de pensar sobre essas questões, nas duas primeiras semanas de estágio foi realizada uma etapa de preparação para ida a campo. Estavam presentes nesses encontros as três professoras orientadoras, Deise Arenhart, Juliana S. Lessa e Katia A. Agostinho, junto com o grupo composto por vinte e oito acadêmicas, sendo que, em seguida, cada professora se encaminhou a um grupo definido proporcionando um novo diálogo e orientações. Nesses momentos também colaboraram ex-estagiárias e professores da Universidade Federal de Santa Catarina relatando suas experiências, vivências, pensamentos, sentimentos, emoções que permeiam o estágio na Educação Infantil. Instalava-se no grupo como um todo e individualmente o nervosismo, a ansiedade, a curiosidade e as expectativas para a iniciação e inserção no estágio. Tanto as acadêmicas que não possuíam experiência na área, quanto aquelas que já atuavam, traziam consigo o pensamento de que seria preciso inserir-se e adaptar-se em outro espaço, com rotinas e crianças diferentes.

Por outro lado, com os relatos recebidos foi possível ampliar os conhecimentos sobre o estágio na Educação Infantil, em especial quanto às relações com as crianças que ocupam este lugar. Percebemos como os instrumentos da ação pedagógica, tais como a observação, o registro e o planejamento, são fundamentais para o bom desenvolvimento das atividades e identificamos, também, a necessidade de ter uma temática norteadora a ser trabalhada com as crianças. Ainda, que a preparação do planejamento se realiza a partir das vivências do dia-a-dia e dos indicativos que surgem através dos registros.

Sendo assim, a aula inaugural da disciplina contou com a valiosa presença do professor Adilson de Ângelo, o qual, através de suas experiências como professor na Universidade Federal de Santa Catarina e professor orientador de estágio na

Universidade do Estado de Santa Catarina, apresentou o questionamento: “Estágio, que disciplina é essa na formação?”. A partir disto, argumentou que o estágio é uma disciplina que se constitui de um espaço e tempo de problematização, produção de conhecimento e espaço de encontro; encontro este que se dá com as orientadoras, supervisoras, crianças, professores da turma, com sujeitos adultos, com profissionais da instituição, merendeira, faxineira, etc.

Segundo o professor, este momento da graduação tem como foco principal produzir um olhar crítico, que compreende, reconhece; um olhar que reconhece as crianças como elas são, em suas especificidades; um olhar que compreende a indissociabilidade entre educar e cuidar; que escuta as vozes das crianças fornecendo assim direção na ação pedagógica. Assim, o estágio deve ser um espaço para planejar e desenvolver ações pedagógicas que contribuam na formação das crianças e é importante que se torne uma atividade prazerosa.

Por meio das experiências para nós apresentadas, compreendemos que o período de estágio têm grande relevância para os futuros professores. No decorrer deste trajeto foi-nos possibilitado refletir sobre aspectos da docência na Educação Infantil; o papel do professor; o observar-olhar, registrar-escrever; a partilha; as intervenções e proposições. O estágio é um espaço-tempo, portanto, que promove uma aproximação com as crianças, as famílias, a comunidade e a instituição.

Assim sendo, compreendemos que ao introduzirmo-nos na Instituição de Educação Infantil, caberia a nós conhecermos o contexto social e cultural dos sujeitos que ali se encontravam, considerando-os como seres sociais, históricos, singulares e produtores de cultura. O que nos remetia, sobretudo, a muitas possibilidades, incertezas, questionamentos, problematizações, dúvidas, aprendizagens e conhecimentos, constituintes de um professor em formação. Rocha & Ostetto (2008) afirmam que o estágio possibilita uma aproximação entre a universidade e a instituição educativa como um campo de atuação para efetuar e adentrar ao estudo e a pesquisa, remetendo a um dialogismo entre a teoria e a prática.

Dessa forma, aprendíamos o quão fundamental é o exercício da observação, registro, planejamento e avaliação na ação pedagógica. O registro e a observação, particularmente, são ferramentas extremamente importantes para o professor pois observando e registrando diariamente as vivências com e entre as crianças é que direcionamos um olhar observador, a fim de compreendê-las e conhecê-las em suas especificidades, necessidades, gostos, interesses e curiosidades. Logo, a ideia da

“observação e do registro das crianças no espaço educativo não está relacionada apenas aos seus processos de desenvolvimento, mas também aos seus conhecimentos, às suas produções, manifestações, preferências, etc”. (ROCHA & OSTETTO, 2008, p. 105). É a partir da observação e do registro, então, que se tem variados indicativos para planejar a docência e a ação pedagógica com as crianças, já que por meio destes é possível perceber suas preferências, desejos, interesses, gostos, desgostos, etc.

Também ajudaram no planejamento os indicativos enunciados nas Diretrizes Educacionais Pedagógicas para a Educação Infantil de Florianópolis, organizados em torno dos Núcleos da Ação Pedagógica - NAPs, assim denominados: Linguagens: gestual, corporal, oral, sonoro-musical, plástica e escrita; Relação com a natureza: manifestações, dimensões, elementos, fenômenos físicos e naturais; Relações sociais e culturais: contexto espacial e temporal; identidade e origens culturais e sociais. Ressalte-se que nestas diretrizes a brincadeira é o eixo articular de toda ação pedagógica.

Tudo isto nos levava a refletir e pensar em proposições que colocassem as crianças como sujeitos participativos no processo educativo, através de um planejamento e ação pedagógica flexíveis e não mecânicos. Buscávamos atividades que considerassem e significassem, sobretudo, o conjunto de suas vivências, dando sentido às suas experiências e o envolvimento produzido no processo, tirando, assim, o foco da preocupação com um suposto produto final. Segundo Rocha & Ostetto (2008, p. 112),

[...] o conhecimento não se orienta pelo conteúdo escolar sistematizado, e sim pelos processos gerais do desenvolvimento e aprendizagem da criança, tais como a linguagem, as interações e o jogo, que constituem as diferentes formas de expressão e manifestação infantis e, ao mesmo tempo, são as bases fundadoras da constituição do conhecimento pelas crianças.

Por fim, refletimos sobre a avaliação como um instrumento fundamental à ação pedagógica, cujo objetivo é incluir e analisar a relação das crianças com as proposições realizadas com elas. Pensando nisso, seria importante observar e registrar durante toda a ação docente como as crianças reagem, interagem, participam e experimentam o processo educativo. Consentíamos que fotografias, filmagens, vídeos e gravações eram formas de registros que auxiliariam na avaliação, uma vez que, através destes poder-se-ia tentar capturar o real vivido e transformá-lo em imagens recordadas. Uma tentativa, apenas, visto que, conforme Caputo (2001), o real nunca poderá ser reconstituído em

sua totalidade pois a fotografia nos traz sempre uma aproximação do real, é sempre um recorte, uma escolha do fotógrafo, portanto, já modificada pelo seu olhar.

Foram essas as reflexões construídas durante nossa preparação para a entrada no campo de estágio. A seguir, relato nosso encontro com as crianças, adultos e o cotidiano da creche Anjo da Guarda.

1.3. Cotidianos do Grupo III

Ao observarmos as crianças brincando no parque, percebemos momentos de interação entre os Grupos I e III, que eram compostos por crianças de 0 a 1 e 2 a 3 anos de idade, respectivamente. Esse era um momento bem cuidadoso. Inicialmente, as crianças do Grupo III, de duas em duas, iam para a sala do Grupo I e permaneciam por volta de meia hora ou o tempo que desejavam interagindo com os bebês. Em outro dia, de uma em uma, as crianças do Grupo I iam para a sala do Grupo III e ficavam por volta de quinze minutos. As professoras e auxiliares se revezavam para acompanhar as crianças nesses momentos de interação.

Consideramos que a interação entre crianças de diferentes idades é um momento de grande importância que a instituição oportuniza aos Grupos III e I. Acreditamos que a interação entre as crianças, possibilita explorar e adquirir uma relação com os espaços, ambiente, objetos, brinquedos, os adultos/professores, entre outros.

Anteriormente à nossa inserção ao Grupo III, questionávamos se iríamos conseguir observar, registrar e ao mesmo tempo nos relacionar com as crianças. Ao iniciarmos nossa convivência junto a elas, percebemos então o quão necessário era estabelecer uma aproximação para que pudessem reconhecer e autorizar nossa presença em seu ambiente. A partir dessa percepção, buscamos cada vez mais compartilhar suas vivências, brincadeiras, rodas, atividades, alimentações, higiene, entre outras, ao mesmo tempo que observávamos e registrávamos suas interações. Assim, dedicávamo-nos à relação com as crianças e nos dirigíamos aos cadernos de registros, que permaneciam sobre uma prateleira e em alguns momentos em nossas mãos, registrando determinadas cenas e situações a fim de, em um momento posterior, refletir e ampliar nossos registros.

Na Educação Infantil, nas relações do cotidiano com as crianças, se faz necessário educar nosso olhar a fim de torna-lo atento. Olhar este que decorre das

situações interativas entre as crianças e os adultos perante às vivências, afetos, preocupações, conflitos, negociações, diálogos, brincadeiras, faz de conta e os momentos de história. Como indicado no texto “Estratégias da Ação Pedagógica”, que compõe as Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Ensino de Florianópolis,

a construção de um olhar constantemente voltado às crianças e suas experiências abre caminho para uma prática pedagógica significativa que efetivamente considera e qualifica suas produções e reproduções culturais (FLORIANÓPOLIS, 2012, p. 5).

1.4. Planejando a docência compartilhada para e com o Grupo III

O planejamento na Educação Infantil parte das experiências e vivências nas relações das crianças entre si e com os adultos. Cabe ao professor, portanto, desenvolver um olhar atento, capaz de captar estas relações. Desta forma, o planejamento na Educação Infantil surgiu a partir dos indícios, das observações e registros, reflexões e análises, que se constituíram em indicativos para pensar atividades e interações a serem desenvolvidas com e para as crianças de modo a colaborar no seu desenvolvimento e formação humana. Para Ostetto (2000, p.177),

Planejar é essa atitude de traçar, projetar, programar, elaborar um roteiro para empreender uma viagem de conhecimento, de interação, de experiências múltiplas e significativas para/com o grupo de crianças. Planejamento pedagógico é atitude crítica do educador diante de seu trabalho docente. Por isso não é uma fôrma! Ao contrário, é flexível e, como tal, permite ao educador repensar, revisando, buscando novos significados para sua prática pedagógica

Durante o nosso período de observação, buscamos perceber o que as crianças faziam e nos diziam com palavras, olhares e gestos, descobrindo seu universo. Esse foi um período muito importante para nós, uma vez que nos possibilitou as primeiras aproximações sobre o que “as crianças fazem, sentem e pensam sobre a sua vida e o mundo, ou seja, as culturas infantis” (ROCHA, 2012, p.16).

Durante estas observações, chamou-nos atenção as constantes relações das crianças entre si, que ocorriam de forma continuada e em vários momentos do cotidiano desse grupo, como por exemplo, nas brincadeiras, nas rodas de conversa, nos momentos

em que as professoras contavam histórias, nos diferentes espaços da sala, entre outros. Assim, pensando em expandir as possibilidades de relação e interação das crianças do Grupo III, com as crianças de outras idades e também com outros adultos da instituição, planejamos o momento *Portas abertas*, em conjunto com as estagiárias do Grupo VI.

Esta dinâmica teve o objetivo de promover a interação entre as crianças de diferentes idades, professoras e estagiárias, através da organização de espaços educativos diferenciados, contendo diversos materiais, na intenção de proporcionar o desenvolvimento da criação, da ludicidade, do faz de conta, do jogo e das múltiplas linguagens das crianças. Isto porque, ao longo de todo período de observação, registramos muitos momentos das crianças imaginando e desenvolvendo o faz de conta ao ouvir e contar histórias, ao manusear os livros de literatura e ao cantar ou explorar os objetos da sala.

Logo, ao observarmos as crianças e as intervenções pedagógicas da professora com a turma – que constantemente proporcionavam ao grupo a experiência com as histórias e os livros – é que resolvemos realizar diferentes propostas de contação, com a participação das crianças como contadoras. Desta forma, a exploração dos livros e a contação de histórias passaram a fazer parte dos momentos planejados para a nossa docência, já que percebíamos, também, a necessidade das crianças em experimentar, sentir, criar, recriar e brincar.

1.5. Chegou a hora de colocar em prática o planejamento

Como relatado, partindo dos nossos registros realizados durante as semanas de observação, notamos a forte presença da imaginação e do faz de conta no dia a dia do Grupo III. Percebemos o quanto as crianças imaginavam e desenvolviam o faz de conta ao ouvir e contar histórias, manusear os livros, cantar ou explorar os objetos da sala. Sendo assim, no período de nossa docência compartilhada pensamos em instigar o desenvolvimento da imaginação e da brincadeira de faz de conta das crianças, expandindo suas possibilidades de histórias, músicas e manuseio de diversos materiais e brinquedos.

O faz de conta e a imaginação estão presentes no universo infantil, sendo a ludicidade um meio de a criança ampliar o seu mundo imaginário, promovendo o seu desenvolvimento. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (2009), “as práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação

Infantil devem ter como eixos norteadores as interações e a brincadeira” (p.25). Nesse sentido, em nossas práticas pedagógicas com o Grupo III, a brincadeira foi elemento fundamental e através dela possibilitamos às crianças experiências que pudessem contribuir para o seu desenvolvimento, situando-as como um ser participativo que interage, explora, se manifesta, descobre, questiona, cria, narra, se expressa por múltiplas linguagens: gestual, oral, corporal, musical, visual e escrita.

De nossas experiências vividas com o Grupo III, sobressaiu-se a frequência com que as crianças adentravam no mundo imaginário, especialmente na representação e no jogo de papéis, nos quais a fantasia e o real estão em constante diálogo. De fato, “a imaginação é para a criança um espaço de liberdade e decolagem em direção ao possível, quer realizável ou não” (GIRARDELLO, 2011, p.76). Portanto, parece mesmo ser de suma importância que o professor conte histórias e deixe livros de literatura sempre disponíveis para as crianças.

Ressalte-se que há diferentes maneiras de contar histórias e em diferentes espaços, podendo utilizar-se de objetos e brincadeiras para estimular cada vez mais o imaginário e o faz de conta da criança, instigando-a a recontar a história ouvida ou a contar a sua própria história de um livro escolhido, promovendo ações que possam aproximar as crianças cada vez mais com a literatura. Conforme Girardello (2011):

Um laço indissolúvel une a narrativa à imaginação, e as crianças têm necessidade das imagens fornecidas pelas histórias como estímulo para sua própria criação subjetiva, para sua exploração estética e afetiva dos meandros do mundo. A necessidade de histórias tem sido identificada como um aspecto central na vida imaginativa das crianças. As histórias permitem um exercício constante da imaginação em seu aspecto mais visual. Isso ocorre tanto em relação aos contos literários quanto aos casos contados no meio das conversas, tão apreciados pelas crianças (p. 82).

Concluindo, destaco o quanto as crianças desfrutaram das experiências e aprendizagens significando e resignificando as histórias ouvidas e contadas, os objetos e materiais manuseados, a exploração dos diferentes espaços e possibilidades de interação.

2. A VIVÊNCIA NOS ANOS INICIAIS

2.1. A escola

A Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi está localizada na Rua Professor Anibal Nunes Pires, no bairro José Mendes, na cidade de Florianópolis – Santa Catarina, administrada pela Secretaria do Estado da Educação e Inovação e mantido pelo Governo do Estado de Santa Catarina, tendo como público alvo crianças das comunidades do Morro da Queimada e do Morro do Mocotó. Atende famílias, em grande parte, com uma renda menor a um salário mínimo⁶.

A instituição surgiu em 08 de Março de 1975. A partir de 1990 vem tentando construir uma gestão democrática. A gestão democrática se dá pela eleição dos candidatos para a direção escolar e após a eleição a gestão deve se dar pela participação coletiva da comunidade escolar, pais, professores, funcionários e alunos trabalhando em prol da instituição. Este é um novo modo de gestão no estado de Santa Catarina, porém em alguns municípios ela está em vigor há muito tempo, como no município de Florianópolis, capital de Santa Catarina. Segundo Vitor Henrique Paro “todos os educadores são potenciais candidatos à direção escolar, não justificando diferenças em sua formação.” (2011, p. 53)

Segundo Ilma Passos Alencastro Veiga,

A gestão democrática exige a compreensão em profundidade dos problemas postos pela prática pedagógica. Ela visa romper com a separação entre concepção e execução, entre o pensar e o fazer, entre teoria e prática. Busca resgatar o controle do processo e do produto do trabalho pelos educadores. A gestão democrática implica principalmente o repensar da estrutura de poder da escola, tendo em vista sua socialização. A socialização do poder propicia a prática da participação coletiva, que atenua o individualismo; da reciprocidade, que elimina a exploração; da solidariedade, que supera a opressão; da autonomia, que anula a dependência de órgãos intermediários que elaboram políticas educacionais das quais a escola é mera executora (2002, s/p)

Para finalizar Veiga diz que “[...] a escola não tem mais a possibilidade de ser dirigida de cima para baixo e na ótica do poder centralizador que dita às normas e

⁶ Informações retirados do Projeto Político Pedagógico, da Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi, 2014.

exerce o controle técnico burocrático. A luta da escola é para a descentralização em busca de sua autonomia e qualidade.” (2002, s/p)

Quando de sua criação, a Escola Básica Jurema Cavallazzi oferecia apenas o Ensino Fundamental. Somente a partir de 1992 passou a atender o Ensino Médio no período da noite e passou a ser denominada por Escola Estadual Jurema Cavallazzi. O nome da escola deu-se em homenagem a uma professora da comunidade, a qual dedicou cinquenta anos da sua vida ao ensino. A escola é um patrimônio do Governo do Estado de Santa Catarina.

Segundo Rose J. Silva, supervisora da escola, em seminário realizado no Centro de Ciências da Educação, na UFSC, o Projeto Político Pedagógico da instituição existe desde 1992, pois é a partir deste período que a instituição escreve em forma de documento o PPP, antes o PPP da escola não tinha o formato de um documento, porque não tinham orientações de como fazer, colocando todos os documentos importantes da instituição numa pasta.

Mas, afinal, o que é um Projeto Político Pedagógico? Segundo Ilma Passos Alencastro Veiga o projeto político-pedagógico é

Como um processo permanente de reflexão e discussão dos problemas da escola, na busca de alternativas viáveis á efetivação de sua intencionalidade, que “não é descritiva ou constativa, mas é constitutiva” (Marques 1990, p.23). Por outro lado, propicia a vivência democrática necessária para a participação de todos os membros da comunidade escolar e o exercício da cidadania. Pode parecer complicado, mas trata-se de uma relação recíproca entre a dimensão política e a dimensão pedagógica da escola (2002, s/p)

Junto com a instituição percebemos que o PPP finalizado não existe, pois o PPP deve ser reformulado, acrescentado e modificado ao logo do processo da escola e da gestão com toda a comunidade escolar.

Quanto à estrutura, a instituição tem dois andares: no térreo há a sala dos professores, a sala da direção, secretaria, coordenação, refeitório, banheiro feminino e masculino (o banheiro dos professores fica localizado dentro do banheiro das crianças, uma porta que fica trancada e sua chave fica na sala dos professores), cozinhas (uma que fica localizada no refeitório e a outra que é para os funcionários), sala para o contra turno, sala de informática, sala de vídeo/auditório, biblioteca, sala de biologia, depósito, área coberta para lazer das crianças e onde fica localizado os bebedouros. No térreo está

situada a sala do 1º ano. No primeiro andar encontram-se as demais salas. As salas que são para o Ensino Fundamental II são divididas pelas disciplinas e não por turmas.

A escola tem a seguinte concepção de infância: “O entendimento da concepção de infância trabalhado nesta instituição busca seu caráter histórico, compreendendo-a como fruto das relações sociais de produção que engendram as diversas formas de ver a criança” (PPP, p. 17). Além disso, assim é colocada a concepção de (educação) aprendizagem:

Esta proposta pedagógica se fundamenta no materialismo histórico. O pressuposto filosófico é de que o conhecimento das ciências, das artes e das línguas deve ser socializado, numa perspectiva de universalidade. A concepção de aprendizagem que dá suporte teórico a este trabalho é a sócio- interacionista. O professor dentro desta concepção, passa a ter a função de mediador entre o conhecimento historicamente acumulado e o aluno. A Unidade Escolar como entidade social corresponsável pela transformação da sociedade, primará pela interdisciplinaridade, visando um ensino de qualidade que transforme o educando em um cidadão consciente de seu papel na sociedade, estimulando para que esta seja igualitária, onde todos tenham acesso ao conhecimento e que este sirva de instrumento indispensável para o desenvolvimento individual e coletivo (PPP, p. 15).

Diferentes aspectos abordados pela instituição são a linguagem, a brincadeira, as interações e as relações espaço-temporal. Contudo, a brincadeira foi a que mais nos chamou atenção, pois identificamos que crianças do 1º ano ao 5º ano devem brincar para melhorar seu processo de aprendizagem, de desenvolvimento, de interação com o espaço ou com pessoas e na apropriação da linguagem. Deste modo, destacamos a seguinte citação do PPP da escola:

Compreender a brincadeira como mais um eixo organizador do trabalho é de fundamental importância, pois é através dela que se estabelece o vínculo ou o elo entre o imaginário e o real. É através da brincadeira (faz-de-conta) que a criança tem a possibilidade de trabalhar com a imaginação: a realidade se constrói pela fantasia e a fantasia constrói a realidade. A criança organiza seu pensamento através de vivências simbólicas, elaborando o seu real. (P. 78, 2014)

2.2. O reconhecimento

Iniciamos o estágio na Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi em um sábado, dia 29 de março de 2014. Fomos convidadas pela direção da escola a conhecer a comunidade e o contexto das crianças em uma visita realizada todo início de ano para que os novos professores possam compreender a realidade das crianças e assim trabalhar de melhor maneira com as mesmas.

As professoras se apresentaram e nos contaram suas experiências nas visitas realizadas na comunidade nos anos anteriores e relataram que esse é um momento muito rico para seu ano letivo, pois essa vivência contribui para seu planejamento. Posteriormente a essa conversa, a professora de estágio Adriana nos apresentou o primeiro andar da escola. Ao conhecer este espaço, nossa primeira impressão foi de uma escola com muitas grades, nas portas e janelas do primeiro andar e salas trancadas. A sensação era como se estivéssemos em um presídio, onde só podemos entrar ou sair se as grades estão abertas.

Ao subirmos o morro, à frente estava o professor Eduardo, de Geografia, que era o nosso “guia” junto com duas crianças da comunidade. Na caminhada vimos que esta rua era um beco, uma vez que não passava carro nem moto, somente pessoas a pé ou com bicicleta. Foi relatado no caminho que muitas crianças faziam esse percurso para chegar à escola e que moravam nas casas próximas. Através das aparências das casas, convivendo lado a lado, observamos duas realidades: de um lado casas que aparentavam um nível de vida elevado de outro casas aparentando um nível inferior. Em todo momento varias crianças chegavam aos professores e os cumprimentavam.

Aproximando-nos das casas construídas pelo programa habitacional da ex-prefeita Ângela Amin, no seu período de gestão municipal na prefeitura de Florianópolis, percebemos o quanto a escola é fundamental na vida da comunidade, eram crianças, adolescentes e adultos, que não estudam mais na escola, abraçando seus antigos professores. Chegando ao centro de convivência da comunidade, professores nos contaram que no ano de 2013 ocorreram eventos neste espaço e em 2014 encontrava-se fechado até nossa visita. Conhecemos a divisa dos territórios, Morro da Queimada e do Mocotó, que por sinal tem uma vista exuberante.

Na descida, conhecemos vielas e becos, notamos o quanto o candomblé predomina esse espaço, já que em determinado momento passamos por um “terreiro” e

uma professora nos relatou que as crianças chegam à escola falando do “terreiro” e cantando músicas dessa religião. Uma professora nos disse que muitas crianças fazem esse trajeto para “cortar” caminho (desviar do morro íngreme). Posso dizer que, de fato, é um trajeto cansativo pois o grupo chegou à escola exausto da caminhada.

2.3. O período de observação

Ao entrarmos na turma do 5º ano para nossa apresentação, no primeiro dia, encontramos crianças em cima das mesas, gritando, pulando e brigando, sem que a professora regente pudesse falar. Para que conseguíssemos nos apresentar tivemos que esperar a turma se sentar e se acalmar.

Sensação de apavoro e desafio foi o que sentimos ao deixarmos a turma. Lilian, minha colega de estágio, ficou apavorada com o comportamento observado, mas ficou com vontade de seguir em frente e ver o que aquela turma poderia nos ensinar. Já eu fiquei assustada, nunca imaginei me deparar com aquela situação, o modo que as crianças falavam, não respeitavam a professora regente nem a professora de Artes. Dialogando com o grupo, a dupla Isadora e Jaqueline nos relatou que se sentiram desafiadas com a turma do 5º ano e também queriam observar. Assim sendo, combinamos que no primeiro e segundo dia faríamos a experiência de trocarmos de turma para observarmos e decidirmos quem iria para qual turma.

Durante o período inicial de observação realizamos a dinâmica citada acima, sendo que Jaqueline e Isadora iriam trabalhar com a turma do 2º ano, uma vez que esta turma era o oposto do 5º ano. Eu comentei que estava na dúvida sobre qual turma escolher, pois o 2º ano me remetia a um ensino diferente, repleto de rodas, de ludicidade e a professora nos passava uma confiança. Mas o 5º ano nos instigava pelo desafio, pois as crianças tinham diferentes níveis de necessidades e a turma era grande, com 26 crianças no total. Por isso, sugeri a possibilidade de ficarmos com as duas turmas, em uma docência compartilhada, o que prontamente agradou as professoras e as colegas. Assim, continuamos o período de observação nos dividindo entre o 2º e o 5º ano, trocando ideias e pensamentos com a outra dupla, mantendo esta dinâmica até o último dia de docência.

Durante o período de observação no 5º ano ficamos sentadas no fundo da sala com nossos materiais para registro. Algumas meninas da turma argumentaram que

gostariam que tivesse um professor específico para cada disciplina. A disputa de poder entre a professora regente e as crianças era muito intensa, havia muita agressividade entre as crianças. Percebemos que as crianças não copiavam, somente gritavam, cantavam, conversavam e andavam pela sala.

Presenciamos nesta turma a tentativa da professora de colocar em prática uma roda de conversa. Organizou-se a sala da melhor maneira, melhor maneira para os alunos se enturmarem, colocando cada aluno em um lugar específico, mas novamente era muito difícil pois os mesmos não se concentravam no que a professora falava. Questionados sobre o que era uma roda de conversa, ninguém soube responder. Transpareceu que este momento não fazia parte da rotina das crianças e que não era significativo para eles. Só se acalmaram quando a coordenadora chegou na sala e lhes deu uma bronca. Ainda assim, não foi possível finalizar a conversa, já que a professora teve que interromper diversas vezes, pois as crianças atrapalhavam a todo o momento.

Também nas saídas de sala, para se dirigir à sala de artes ou à aula de educação física, sempre havia muita dificuldade porque as crianças estavam sempre muito agitadas. Saíam gritando pelo corredor, abrindo as portas das outras turmas, e tumultuando a escola.

Já no 2º ano, percebemos uma turma mais “tranquila”. Acompanhamos diversas atividades. Em uma aula de informática, por exemplo, a professora regente solicitou ao professor de informática que disponibilizasse jogos relacionados a indígenas, pois a mesma estava trabalhando sobre esse tema com as crianças. Os jogos estimulavam as crianças a lerem para compreender e conseguir jogar. Algumas crianças tinham facilidade com o computador, porém sua leitura com palavras que começaram com “p” e “m” saíam com o som do “b”. Notamos também um momento muito interessante chamado *hora da música*. Era quando as crianças levavam músicas do seu repertório para dançar e escutar na sala, sendo que toda semana uma criança ficava responsável em ser o “DJ”.

A professora do 2º ano escrevia no quadro todos os dias a pauta, montando assim em conjunto com as crianças a rotina do dia. Após copiarem a pauta no caderno, pegavam os tapetes no armário, e se acomodavam do seu jeito, alguns deitavam, outros sentavam. As crianças se interessavam por histórias, interagindo com a professora. Notamos que as crianças tinham bastante noção de tempo e se mostravam prestativas com os colegas ao emprestarem suas coisas.

Percebemos ainda que nas sextas-feiras acontecia o “dia do brinquedo”. A professora colocava uma música de fundo, e as crianças tinham autonomia para trocar as músicas e escolher outros CDs da biblioteca musical a qualquer momento. Na maioria das vezes as crianças não levavam brinquedos, mas não gerava problema, já que podiam brincar com os que haviam na sala. Notamos que neste espaço não havia distinção dos brinquedos de “meninos ou meninas”, meninas brincavam com carrinhos para ir ao supermercado e os meninos brincavam com bonecas como filhas, pois eram papais.

2.4. O espaço de sala de aula

Ao chegarmos à turma do 2º ano para a nossa observação, as carteiras estavam em formato de “u”, sendo que a mesa da professora seguia a sequência das carteiras das crianças. Nesse espaço havia o cantinho da brincadeira - com uma variedade de brinquedos e fantasias, um canto com uma mesinha e carteiras, e o canto do DJ com aparelho de som portátil e uma biblioteca musical. Na frente o quadro com letreiros do alfabeto em cima, no canto o armário com o material dourado e do Programa Nacional de Alfabetização na Idade Certa (PNAIC).

Ao chegarmos à turma do quinto ano para a nossa observação, as carteiras estavam em fileiras, a mesa da professora na frente da sala, com seu armário atrás e de lado uma mesa com muitos livros didáticos dos anos anteriores que a professora regente usava como recorte, um quadro com o alfabeto em cima, no canto do quadro dois cartazes com as regras, ao lado do quadro um cartaz com os nomes das crianças utilizado para que no final das aulas a professora regente fizesse a avaliação das mesmas, no lado esquerdo um mural verde vazio, atrás umas prateleiras com jogos, material dourado e jornais, ao lado outro armário e um mural de fazendinha. A porta era decorada por um TNT azul forrando toda a sua extensão com um urso pendurado dentro de um coração. A sala não mostrava o grupo ao qual pertencia, parecendo-nos que a turma não tinha uma identidade, apenas na parte de cima da porta aparecia um cartaz identificando que ali era o quinto ano.

Pode-se dizer que o espaço físico desempenha o papel de “2º educador” nos anos iniciais, diferentemente da educação infantil, em que o espaço é visto como o “3º educador”, já que nas creches há duas profissionais em sala e nos anos iniciais apenas

uma. Deste modo, percebemos que o ambiente nos anos iniciais tem grande relevância para a construção da identidade e da apropriação naquele local. Sendo assim, era por meio do espaço que pretendíamos formar a interação, identidade e autonomia entre os educandos, como também, aprendizagens, brincadeiras e descobertas.

Conforme Agostinho (2003)

o espaço se projeta ou se imagina; o lugar se constrói. Constrói-se a partir do fluir da vida, das relações que ali são travadas e a partir do espaço como suporte; o espaço, portanto, está sempre disponível e disposto para converter-se em lugar, para ser construído (p.1).

A sala de aula do quinto ano necessitava de mudanças. No decorrer da semana e meia que ficamos com a turma, transformamos o espaço de acordo com as necessidades que nos foram apresentadas. Mudamos a forma como estavam dispostas as carteiras, colocando-as em duplas, o que melhorou a circulação pelo espaço. As crianças ao se depararem com esta mudança, inicialmente, estranharam e ficaram, de certa forma, perdidas, procurando a carteira com o seu nome. A professora regente nos relatou que teríamos dificuldade com esta disposição das carteiras, pois tinham crianças que não sentavam perto ou junto com outra criança.

Passados dois dias, decidimos criar um novo ambiente. Desta vez, a primeira mudança foi quanto à carteira que se encontrava em frente da mesa da educadora, onde ficavam depositados os livros didáticos dos anos anteriores. Ela foi removida para o fundo da sala, junto com livros de literatura e alguns dicionários, transformando o lugar em um cantinho de leitura. Assim, sobre um armário ordenamos os livros didáticos. Nas prateleiras presas à parede organizamos os jogos e logo abaixo dispusemos cinco exemplares de cada livro didático, separado por disciplinas, com alguns dicionários, para torná-los acessíveis às crianças. Além disso, resolvemos amarrar as cortinas com barbante para que houvesse maior iluminação no ambiente e evitar que os alunos brincassem de se esconder entre elas.

Em uma conversa com a professora do 4º ano, percebemos que seria interessante trabalhar em “ilhas”, uma vez que na turma da mesma esta disposição das carteiras proporcionava aulas interativas. Desse modo, optamos por modificar novamente as mesas buscando proporcionar maior relação entre os alunos do quinto ano. Também trouxemos o painel de atividades da turma para o interior da sala de aula, a pedido das

próprias crianças. Isto, pois o mesmo encontrava-se no refeitório, onde os alunos não contemplavam seus trabalhos com frequência, já que eram rasgados ou extraviados.

Outro ponto que nos chamou atenção é que havia o nome das crianças nas carteiras mas elas não se identificavam com eles, porque se conheciam pelos seus respectivos apelidos. A partir disto, realizamos um trabalho sobre o significado de cada nome e sua história, de maneira que os alunos tiveram que pesquisar e socializar com a turma tais significados.

2.5. Docências compartilhadas

Com base nas observações, percebemos que cada turma tinha sua característica, sua diversidade e sua especificidade. A turma do 2º (vespertino), composta por 15 alunos, era acompanhada pela professora regente desde o 1º ano, as crianças e a professora trabalhavam juntas desde o ano anterior, mas, duas crianças entraram na turma naquele ano. Percebemos o quanto a ludicidade era presente no cotidiano das crianças, havia um entrosamento muito forte das crianças com a professora, com as rodas, biblioteca, ajudante do dia, informática, pauta e parque sempre que possível. Grande parte do grupo estava lendo e escrevendo, porém cinco crianças não sabiam ler até o momento.

A turma do 5º ano era composta por 26 crianças que frequentavam as aulas, mas na lista de chamada existiam 30 matriculadas. Esta turma era o único quinto ano da escola no ano de 2014, pois houve uma junção das turmas do 4º ano matutino e vespertino do ano letivo de 2013.

Era o primeiro ano da professora do regente 5º ano na Escola Estadual Básica Jurema Cavallazzi, porém a mesma já havia trabalhado com outros 5º anos em outras escolas. Existia bastante rivalidade entre as crianças e a professora. As crianças reproduziam a realidade do seu contexto social na sala em vários momentos por palavras e ações.

O planejamento foi realizado com a dupla Jaqueline e Isadora, conforme citado anteriormente. Imaginamos que seria mais fácil trabalhar em equipe, mas não. Éramos pessoas diferentes, com olhares diferentes, pensamentos diversos sobre aquelas turmas e precisávamos entrar em acordo para realizarmos nossa docência compartilhada.

Segundo Madalena Freire Weffort,

este aprendizado de olhar estudioso, curioso, questionador, pesquisador, envolve ações exercitadas do pensar: o classificar, o selecionar, o ordenar, o comparar, o resumir, para assim poder interpretar os significados lidos. Neste sentido o olhar e a escuta envolvem uma AÇÃO altamente movimentada, reflexiva, estudiosa. (1997, p. 11)

Decidimos, então, trabalhar em ambas turmas o tema *identidade*. Um projeto com este tema já estava em andamento no segundo ano. No quinto ano, entretanto, pensamos ser interessante trabalhar questões ligadas à construção da identidade da turma, posto que as crianças davam indicativos de não se perceber inseridas naquele coletivo. Assim sendo, *Escrevendo a minha Identidade* foi o título do projeto de docência desenvolvido com as duas turmas concomitantemente. No andamento das atividades trocávamos ideias com as educadoras regentes das turmas, como também com a outra equipe, com o intuito de aprimorar o nosso planejamento, uma vez que havia a permuta de informações que nos faziam refletir sobre as atividades ou as ideias que levávamos de uma turma para outra.

Falar de troca de experiências entre séries diferentes parece inusitado, uma vez que julga-se que o segundo ano não tenha nada a acrescentar para o quinto, no entanto todos tem o direito de brincar, pois são crianças, desta maneira em diversos momentos deixamos de lado nas nossas teorias, questionamentos e pensamentos, para assim permitir apenas experimentar vivências. Nesse sentido, percebendo como o segundo ano trabalhava bem com o lúdico e as brincadeiras de rodas, tentamos introduzir esses elementos nas atividades para o quinto ano. Para incrementar as aulas de matemática, por exemplo, confeccionamos o jogo Tangram com ambas as turmas. Compreendemos no decorrer do processo que as vivências experimentadas em cada série, apesar das suas diferenças e subjetividades, complementavam-se ao longo do nosso processo de formação.

No decorrer do desenvolvimento das atividades, adaptações e ajustes foram sendo requeridos de acordo com as necessidades das crianças. Segundo Madalena Freire Weffort, “a observação avalia, diagnostica a zona real do conhecimento para poder, significativamente, lançar (casando conteúdos da matéria com conteúdos do sujeito, da realidade) os desafios da zona proximal do conhecimento a ser explorado” (1996, p. 11). Foi assim que compreendemos, no transcorrer do estágio nos Anos Iniciais, que o registro, a observação e o replanejamento são elementos fundamentais para a realização

da docência. Essa experiência nos proporcionou colocar em prática diversas metodologias e teorias estudadas nos quatro anos do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estágios de docência foram, para mim, o ápice da graduação, uma vez que os esperava desde o início do curso. Tornou-se meu maior desafio, o mais assustador, no entanto, proporcionou-me também a maior recompensa, período em que nos tornamos professores, ou aluno-professor. Com o estágio muitas teorias apresentadas em sala de aula se fizeram presentes em minha prática, todavia, aprendi que nem tudo transcorre como o planejado, em diversos momentos as ações mais esperadas por nós não dão tão certo e outras, que ao nosso ver seriam menos eficazes, tem um maior retorno das turmas.

Várias angústias surgiam no decorrer das aulas, pois não sabíamos se as atividades realizadas estavam indo bem ou não, se obteríamos retorno, se estava na hora de parar ou de mudar e utilizar um plano B. As observações foram fundamentais para todos os nossos planejamentos, tivemos que atentar nosso olhar para apreender as situações no cotidiano das instituições. A partir destas observações a nossa ação se concretizou com mais intensidade.

Todas as experiências e aprendizagens vivenciadas na Educação Infantil, realizada na creche Anjo da Guarda, através das quais propusemos momentos de brincadeiras compartilhadas, exploração dos espaços organizados na sala e dos ambientes externos, interação com crianças de diferentes idades, contação de histórias, dentre outros, nos permitiu a experiência da docência. Consequentemente, percebemos o quanto as crianças saborearam o significado das experiências e aprendizagem.

Nos Anos Iniciais, com o estágio realizado na Escola de Educação Básica Jurema Cavallazzi com crianças da turma do segundo e quinto anos, idealizamos um projeto em que o tema abordado seria a construção de identidade, tendo observado o quanto os educandos têm dificuldades de se reconhecerem por sua identidade. Verificamos também a necessidade de trabalharmos o espaço, sendo ele considerado um segundo educador nos Anos Iniciais. Percebemos que a infância se estende aos Anos Iniciais, de maneira que os alunos que saíram da Educação Infantil não podem deixar de serem considerados crianças e todos tem o direito de brincar.

Por fim, digo que a prática docente durante o estágio foi impactante, pois me mostrou que atos e ações planejados nem sempre são executados com o êxito. Sendo assim, pude através deste tempo que estive nas instituições observar e intervir para um

melhor aprendizado, tentando desta forma proporcionar momentos de interações onde cada ser ali presente tornou-se único, teve sua identidade preservada e adquiriu novos conhecimentos através da ludicidade tornando o aprendizado mais prazeroso e atrativo.

Portanto, concluo que os Estágios Supervisionados em Educação Infantil e Anos Iniciais foram importantes e difíceis, suscitando-me alguns questionamentos: Que caminho seguir? Ser uma professora de modelo ‘tradicional’? Ou uma professora que consiga trabalhar os conteúdos de forma lúdica, objetivando um ser autônomo, crítico e que conheça seus direitos?

Ainda que a “regência” tenha precisado seguir currículos, o que muitas vezes deixa impossibilitada a diversidade das práticas pedagógicas, esta formação me forneceu subsídios para que eu pudesse fazer da minha prática uma intervenção cheia de ludicidade, autonomia e expressividade.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Kátia Adair. **O ESPAÇO DA CRECHE: QUE LUGAR É ESTE?** Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

BRASIL – Ministério da Educação e Desporto. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças.** Organizado por Fúlvia Rosemberg e Maria Malta Campos. Brasília, 1995.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Resolução 05/2009 – Câmara da Educação Básica. Brasília, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros básicos de infra-estrutura para instituições de educação infantil.** Brasília : MEC, SEB, 2006.

CAPUTO, Stela Guedes. **Fotografia e pesquisa em diálogo sobre o olhar e a construção do objeto.** In: **TEIAS**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 4, jul/dez 2001. Disponível em: <<http://www.periodicos.proped.pro.br/index.php?journal=revistasteias&page=article&op=viewFile&path%5B%5D=85&path%5B%5D=86>>

CRECHE ANJO DA GUARDA. **Projeto Político Pedagógico.** Florianópolis, 2013.

ESCOLA ESTADUAL JUREMA CAVALLAZZI. **Projeto Político Pedagógico.** Florianópolis, 2014.

FLORIANÓPOLIS/PMF/SME. **Orientações Curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis.** Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora, 2012, versão preliminar.

FLORIANÓPOLIS. **Orientações Curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis.** NAP: Relações sociais e culturais. Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora, 2012.

FLORIANÓPOLIS. “Parte II- A Brincadeira” **das Orientações Curriculares para a Educação Infantil da Rede Municipal de Florianópolis. 2012.** *Aqui na creche a gente “aprende a brincar”!!!.* 2012, p. 7-13.

FLORIANÓPOLIS/PMF/SME. **Projeto Político Pedagógico.** Creche Anjo da Guarda, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir:** história da violência nas prisões; tradução Raquel Ramelhe. Petrópolis, Vozes, 1987. 288p.

GIRADELLO, Gilka. Imaginação: arte e ciência na infância. **Pro-Posições**, Campinas, v. 22, n. 2 (65), p. 75-92, maio/ago. 2011.

KARNAL, Leandro. **Conversas com um jovem professor**, Contexto, 2012

OSTETTO, Luciana Esmeralda. **Planejamento na educação infantil: mais que a atividade, a criança em foco.** In: OSTETTO, Luciana Esmeralda (Org.). **Encontros e encantamentos na educação infantil: partilhando experiências de estágios.** Campinas/ SP: Papyrus, 2000. PP. 175-200.

PARO, Vitor Henrique. Estrutura da Escola e Direção Colegiada. In: PARO, Vitor Henrique. *Crítica da Estrutura da Escola.* São Paulo: Cortez, 2011, cap. 2, p. 31-78.

ROCHA, Eloisa A. C. OSTETTO, Luciana Esmeralda. **O estágio na formação universitária de professores de Educação Infantil.** In: SEARA, Izabel Christine et al. (Orgs.) **Práticas pedagógicas e estágios: diálogos com a cultura escolar.** Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2008, p. 103-116.

ROCHA, Eloisa. Diretrizes Educacionais Pedagógicas para Educação Infantil. In: FLORIANÓPOLIS. **Orientações Curriculares para a educação infantil da rede municipal de Florianópolis.** Prefeitura Municipal de Educação. Secretaria Municipal de Educação. Florianópolis: Prelo Gráfica & Editora, 2012.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro (org). **Projeto Político-Pedagógico da Escola: Uma Construção Possível.** 14. ed. São Paulo: Papyrus, 2002.

WEFFORT, Madalena Freire. **Avaliação e planejamento: A prática educativa em questão - Instrumentos metodológicos 2.** São Paulo, Espaço Pedagógico, 1997.